

O Sport Lisboa e Benfica completou 41 anos de existência

Cosme Damião, a maior figura do clube, conta aos leitores de «A Bola» alguns episódios da história do Benfica

Mário de Oliveira

A Bola, n.º 11 (5 março 1945), p. 5, 7

O Benfica — é o Benfica. Hoje e sempre! A mais potente, a mais sólida, a mais resistente organização desportiva nacional. E não são os seus feitos brilhantíssimos, ou a sua vasta ação social e desportiva, ou a sua extensa massa associativa, ou os seus atletas, ou os seus campeões, ou as suas taças, ou os seus haveres que contribuem para fazer dele o primeiro dos nossos clubes. Não. Acima de tudo, e como soma, consequência ou determinante de tudo isso ele impõe-se, vale e projeta-se no mundo desportivo português como o mais denso e sólido agregado social, insensível à defeção, refratário à intromissão, insubmisso à vicissitude, de modo a engrandecer-se cada vez mais através dos seus 41 anos de existência, e que ora se comemoram. O que há, na verdade, de mais notável e impressionante, de permanente e eterno, de inconfundível e insuperável no Benfica é o *espírito de clube* que empresta à coletividade, aos seus sócios, às suas manifestações aspetos gritantes do labutar duma *família* totalmente iluminada ou deslumbrada por verdadeiro espírito de sacrifício e de amor clubista.

A unidade e a integridade da massa do Benfica é a sua maior força e dá ao clube relevo especial, que se projeta nos feitos desportivos como nas realizações clubistas: na vitória e na derrota, na alegria e na tristeza, na luta e na paz desportivas.

O *espírito do clube* é, afinal, a *alma* do Benfica, rubra, vibrante e ativa, cem por cento S. L. B. — um por todos e todos por um!

É a passagem do 41.º aniversário da fundação do Sport Lisboa, — primeira fase do Benfica — é esse «espírito», essa «alma» que dinamiza e immortaliza toda a sua ação social e desportiva que «A Bola» saúda e deseja, se possível, ver ainda mais alta, mais forte, e cada vez mais útil ao clube — e ao desporto nacional.

A missão do jornalista é por vezes ingrata. Quando, na quinta-feira à noite, nos falaram em entrevistar Cosme Damião, para o nosso jornal, pensámos fugir ao encargo. Cosme Damião é ainda uma das figuras mais representativas do Benfica, do Sport Lisboa e Benfica, no seu

passado. Ninguém melhor do que ele conhece a história do clube, desde os primeiros treinos, em Belém. Mas sabíamos-lo doente, em casa, há tempo.

Esta entrevista não tem por isso o ambiente buliçoso de um café, nem o ambiente grave ou garrido de um gabinete de trabalho. Tem o recolhimento de um quarto de doente, onde há aliás a nota agradável do gosto artístico do mobiliário em estilo antigo. O Cosme que levávamos na memória, o Cosme dos campos de futebol, o Cosme calmo que fez com entusiasmo o Benfica passar à categoria de grande clube, o Cosme empreendedor da obra grandiosa que foi o Estádio das Amoreiras, não é o mesmo que encontramos no leito de doente. Conserva, no entanto, a mesma distinção de maneiras. Mantém, íntegro, o entusiasmo pelas coisas de desporto. O Benfica vive, ainda, na sua sensibilidade. Não diminuiu a sua afeição pelos companheiros do clube e do desporto. E a sua memória surpreende. É prodigiosa. A história do Benfica é ele mesmo. Consultá-lo, é como que consultar um repositório de datas e de factos.

Acolhe-nos com a amizade de largos anos de trabalho em conjunto, num antigo jornal desportivo – no «Sport de Lisboa». E é com gentileza que escuta atentamente o fim que nos levou a sua casa, esclarecer dois pontos nebulosos na história do Sport Lisboa e Benfica, em comemoração de um novo aniversário: a condição em que se fundou o clube, e o motivo certo da saída de jogadores, para o Sporting em 1907.

Como surgiu a ideia de um clube

Cosme Damião não altera o ritmo da conversa para dar uma resposta concreta:

— «Espera um momento. Deixa recordar os factos. Não apontes nada, por enquanto. E tu depois extrais da narração o que for necessário para dar sequência ao pensamento.

«Certamente com a intenção de nos deixar mais à vontade, acrescenta: Não é preciso recordar muito. A memória funciona bem felizmente. Estou a falar contigo e parece que estou vendo as pessoas, os campos, os pontos de reunião. Parece-me que estou vendo tudo. Ora nota».

E vem a primeira síntese:

— «A ideia de formar o Sport Lisboa não resultou do propósito de constituir um clube em determinadas condições. No nosso bairro, na escola, na corporação a que se pertencia, surgia, de quando em quando, a ideia de um clube. Se fizéssemos um clube, nestes moldes? – era pergunta que não se tomava como impertinente, numa altura em que ainda não havia grandes clubes. Mas não sucedeu isso, com o Sport Lisboa, foi o contrário. Constituído um «team» para

jogar com outro mais forte, o bom resultado de um desafio, fazendo reunir numa pequena festa de alegria os jogadores vitoriosos, levou-os a pensar em dar consistência ao «team», transformando-o em clube. Veio primeiro a ideia do jogo, pelo prazer de jogar. A ideia do clube seguiu-se ao prazer do triunfo. Houve desde logo a certeza de que pela união nos podíamos tornar mais fortes. Neste sentimento inicial se pedia a escolha da divisa do novo clube – um por todos, todos por um».

Feita esta legenda, que pode ficar para a história do clube, interpôs-se uma pausa, para ordenação dos factos. O Cosme, com a serenidade habitual, procura, depois, justificar a afirmação. E vem tudo, com lógica e sem pressas.

— «Deixa lá ver...

E ele foi vendo à medida que revia.

— «Chegámos a este «team» ou grupo em condições curiosas e por vias diferentes.

O grupo dos Catataus

— Em Belém, formara-se, muito antes, um destes grupinhos de bairro. Os rapazes de algumas das melhores famílias daquela zona reuniam-se, para jogar o futebol. E residia quase tudo, no mesmo prédio, na Rua Direita de Belém, onde estava e está a Farmácia Franco. Os jogadores mais em evidência eram os irmãos «Catataus» — José, António, Cândido e Jorge Rosa Rodrigues. Jogavam, com eles, os Carrilhos, seus vizinhos, e os Monteiros, moradores na mesma rua. A própria farmácia contribuiu com entusiasmo para o núcleo de jogadores — Manuel Gourlade e Daniel de Brito, empregados da farmácia, os donos, Pedro Franco e Conde do Restelo, e um médico que dava ali consultas —, o Dr. António de Azevedo Meireles. Uns jogavam. Os outros ajudavam os rapazes. O grupo dos «Catataus», em organização, teve diferentes títulos, conforme as necessidades de momento.

— «Este grupo disputava desafios com os «teams» que apareciam, tanto de Escolas — havia perto o Colégio Arriaga — como de clubes. Este grupo dos «Catataus» foi um dos núcleos que deu depois jogadores para o desafio que provocou a fundação do Sport Lisboa.

A Associação do Bem

«O outro núcleo era o de jogadores que se fizeram na Casa Pia. Eu saí, em agosto de 1902. Em julho de 1903, fundou-se a Associação do Bem, constituída por ex-alunos da Casa Pia. Havia o

propósito de dar àquela associação características tão amplas que permitissem a prática dos desportos. Apareciam muitos ex-alunos, pela sede, em segundo andar da Rua de Serpa Pinto, com janelas para o Chiado.

«O desporto contava bastantes simpatias, na Associação do Bem. Para o futebol ia, porém, o maior entusiasmo. Pensou-se, assim, na formação de um «team» de futebol. Eu era muito novo, mas pertencia ao grupo dos que aceitaram o projeto com mais alegria.

«Pensou-se, desde o princípio, nos jogadores que deram à Casa Pia, a vitória estrondosa de 1897, contra os ingleses do Carcavelos Clube. Quase todos eles estavam dispostos a voltar ao jogo. E todos tinham ganho muito prestígio.

«Veio o primeiro treino, marcado para o campo do Hipódromo de Belém, situado para os lados do Bom Sucesso, mesmo em frente do Convento que ainda existe ali, à esquerda da linha dos carros elétricos para Algés e Dafundo. Os terrenos ficavam perto da cerca da Casa Pia.

A este primeiro treino, realizado num domingo, compareceram talvez uns 24 jogadores. Formaram-se dois grupos e não houve lugar para todos... Ao segundo treino, no domingo imediato, marcado, como todos, para o Hipódromo, compareceram apenas 18 ou 19. Já não foi possível arranjar dois «teams»... No terceiro domingo, o número desceu para 12 ou 13.

Quando os treinos findaram, os que podiam reuniam-se em almoço, na casa do António das Caldeiradas, à esquina do Largo de Belém.

Os treinos, os almoços, tudo isto se foi tornando conhecido a pouco e pouco, em Belém. E começou a aparecer gente a ver os nossos treinos. Foi num dos domingos do Hipódromo que se travou conhecimento com o José Trabucho, antigo mestre do iate real, e que acompanhava o grupo dos rapazes de Belém. E foi ali também que conhecemos um outro rapaz.

Manuel Goullade

Há, aqui, uma pausa do Cosme. E vem um comentário, para o jornalista:

— «Tu não calculas o que era a figura desse rapaz. Estou-o vendo: aparecia sempre equipado por completo – da cabeça aos pés... Kepi preto, camisa branca, calção preto, meias de futebol, e botas também de futebol. Mas o que dava mais nas vistas era uma grande faixa sobre a camisa, a tiracolo, com as três cores da bandeira francesa. Não soubemos a princípio o seu nome. Começou a aparecer talvez no terceiro treino. Não jogava. Dava apenas uns pontapés...

Era o Manuel Goullade, o empregado da Farmácia Franco.

Manuel Gourolade conhecia muito bem as leis do jogo. Tomou para nós, o papel de técnico – do futebol. Passou a acamaradar francamente com os jogadores da Associação do Bem. E falávamos dele com simpatia, nos locais onde nos reuníamos, geralmente numa farmácia do Conde Barão, também frequentada por sócios do Clube Naval de Lisboa.

Mas continuavam a gostar do futebol.

Manuel Gourolade foi, mais tarde, quando nos faltavam jogadores, o ponto de ligação do grupo dos «Catataus». Por essa altura tinham regressado da Inglaterra Fernando e Eduardo Luiz Pinto Basto, que brilharam, mais tarde, no Internacional. Com o regresso deles reforçou-se o grupo que era então conhecido pelo grupo dos Pinto Bastos. Voltaram também a Lisboa, após uma estada em Africa, Carlos Vilar e Joaquim Costa, ambos oficiais de marinha, o último já falecido. Foi um bom reforço. E o grupo dos Pinto Bastos ganhou fama.

O Sport Lisboa

O Manuel Gourolade pensou que nós podíamos defrontar aquele grupo se incluíssemos no «team» jogadores do grupo dos «Catataus», ao tempo designado por grupo de Futebol Lisbonense, ou título semelhante. Fizemos assim, um misto entre a Associação do Bem e o Lisbonense. Julgo que perdemos o primeiro desafio com o Grupo dos Pinto Bastos, por 0-1. Mas ganhámos o segundo, por 1-0. Os dois desafios foram disputados nas Salésias, talvez em dezembro de 1903.

Houve festa rija numa cervejaria em frente da Farmácia Franco, para celebrar a vitória. E partiu da referida festa a ideia de nos reunirmos em clube.

Esta ideia discutimo-la depois. Hesitámos no título. Sport Lisbonense de Lisboa. Sport Lisboa. E optámos, no fim, pela última designação. Ficaram especialmente connosco o Gourolade, o Daniel de Brito e os quatro irmãos Rosa Rodrigues.

Nasceu, assim, o Sport Lisboa.

Os primeiros tempos do clube

A primeira manifestação da atividade do novo clube foi o treino marcado para 28 de fevereiro de 1904. Para a compra da bola, fizemos um empréstimo de 4.500 réis. O respetivo documento constava do arquivo do clube. O treino fez-se em Belém, no antigo terreno das Salésias.

As dificuldades eram, porém, grandes, visto que era um terreno público. Não havia local que servisse para mudar de roupa, ou de balneário. Para o equipamento, pagava-se alguma coisa a um casal de velhos, no topo de poente. E a lavagem fazia-se ao ar livre, em alguidares de barro. A água era de um poço próximo. Havia um moço que se encarregava especialmente de tirar a água, e despejar algumas vezes baldes de água por cima dos jogadores. Outros jogadores vestiam-se logo que o desafio ou treino findava, para se lavarem à vontade nos outros clubes a que pertenciam, no Clube Naval ou no Gimnásio.

Não houve eleições, para a primeira direção. Foi eleita — por acordo, entre os jogadores. Como presidente, ficou o Dr. Januário Barreto, que veio a falecer muito novo. Para os lugares de secretário e tesoureiro, escolheram-se, respetivamente, Manuel Goullade e Daniel de Brito. E como estes diretores eram empregados da Farmácia Franco, ali funcionou a primeira sede do Sport Lisboa.

Em determinada altura, fomos corridos das Salésias. Uma ordem do Ministério da Guerra interditou o terreno para a prática do futebol. Passámos então a treinar nos terrenos da Companhia dos Caminhos de Ferro, em Belém, por vezes atrás do antigo jardim. Tivemos de alugar casa. E essa necessidade serviu para se criar mais tarde, uma sucursal do clube, naquele bairro».

O Cosme interrompe a conversa para fumar um cigarro. É boa, esta paragem, para descanso. E nós aproveitamo-la para dizermos: — Bem. Está já esclarecido o primeiro ponto que me trouxe a tua casa. Quando puderes, vamos ao segundo: Como se deu a saída de jogadores para o Sporting?

Cosme responde:

— «Está bem. A questão não é de facto complicada. Resultou de um problema que se pôs ao clube logo que nos correram das Salésias.

Um clube e vários jogadores à procura de campo

«A necessidade de um campo de jogos surgiu cedo, no Sport Lisboa. E não foi descurado. Faltou apenas dinheiro para o resolver. Pensámos, primeiro, no atual campo do Belenenses. Tentámos, depois, um campo que corresponde um pouco ao seu terreno de treino, com entrada pela Rua da Junqueira. Eram terrenos de qualquer corporação religiosa e não houve maneira de remover as dificuldades que se levantaram. A nossa preocupação era ficar em Belém ou perto.

A procurar solução adequada, lançámos depois as vistas para um campo no Arco do Cego. O dono, um senhor de nome Amorim, quis fazer bom negócio e pediu 200.000 réis de renda por mês. Oferecemos o que se nos afigurou compatível, para as disponibilidades do clube. Mas não se chegou a acordo. Desistimos, por isso.

Desistimos, é como quem diz, desistiu o clube. Os jogadores é que não. O Sport Lisboa tinha uma primeira categoria com jogadores de elevada posição social. O Januário Barreto estava médico. O Couto, arquiteto. Francisco Santos, que regressara de Paris e José Neto, eram escultores. Pedro Guedes começava a firmar o seu nome como pintor. O Silvestre José da Silva era professor na Casa Pia. Daniel Queiroz dos Santos estava bem empregado. Emílio de Carvalho criara fama como gravador. Os dois Rosa Rodrigues (António e Cândido) estavam bem relacionados. Alguns deles já não estavam nos vinte anos... Não lhes agradava, por isso, andar com equipamentos e balneários ao ar livre, sem comodidade nenhuma. Já não tinham idade, nem posição social para rapaziadas.

A saída para o Sporting

A dar força às suas observações, a tornar mais imperiosa a necessidade de campo, havia o exemplo do Campo Grande, transformado, pela força de vontade José Holtreman Roquete (Alvalade), no Sporting Clube de Portugal, com campo e instalações decentes. O exemplo começou a tentar... Não se podia fazer nada sem campo.

Houve troca de impressões entre os jogadores. E chegou-se a uma conclusão desoladora, não havia campo e não se podia passar sem ele. Resolveu-se, por acordo, que cada qual procurasse a solução que mais lhe agradasse ou a que melhor se pudesse adotar. Um, quase todos os jogadores da primeira categoria, foram para o Sporting, permitindo a José Machado a realização do seu sonho de um grande clube. Com aquele reforço, o Sporting organizou o seu primeiro «team» da categoria superior.

Dos outros, uns juntaram-se ao Académico, de onde era figura saliente Vergílio Bentes, feito jogador na Casa Pia. Alguns fizeram-se sócios do Sport Clube Benfica, que também tinha campo, em Benfica. Surgiu, entretanto, a ideia de resistência. Marcolino Bragança, jogador esplêndido, talvez por aspirar justamente a alinhar em primeiras categorias, pôs este problema – porque não passamos o segundo «team» a primeiro? Concordaram alguns. Eu, por mim, concordei.

Marcolino Bragança foi a «alma» da resistência. Perdeu o ano no Liceu. Mas ganhámos todos – com a continuação do clube.

A impressão no meio desportivo da época era a de que o Sport Lisboa morrera. Quando se fez uma reunião na Liga Naval, para inscrição do clube, foi com surpresa que se viu aparecer Silvestre José da Silva, como representante do Sport Lisboa, a assegurar a inscrição do clube.

O Sport Lisboa não sucumbiu. Um dos elementos que saiu para o Sporting, o Henrique Costa, voltou, um ano depois, não obstante ser presenteado com um relógio de ouro, como jogador mais correto em toda a época. Voltaram outros. Mas voltou, sobretudo, o entusiasmo dos primeiros tempos. E o Sport Lisboa manteve-se. E está aí grandioso, cada vez mais forte.

Um campo salvo por duas «sopeirinhas»

Nesta altura, somos nós que interrompemos o fio das recordações do Cosme. A esposa enfermeira dedicadíssima do seu marido chamara já a sua atenção para a hora de qualquer medicamento. Desculpa Cosme, dizemos nós. Estava gostando de te ouvir – e penso que te agradava a recordação do teu passado desportivo. Mas não quero maçar-te.

— «Não, não maças. A recordação agrada-me ao meu espírito», responde.

— Então, uma só pergunta, para fechar a entrevista: há algum episódio de dedicação relacionado com a continuação do clube?

O Cosme hesita um pouco, mas volve com pretexto:

— «Aí vão dois, à falta de um... Um deles liga-se com a ação desenvolvida no clube pelo atual sócio n.º 2 – Luiz Carlos de Faria Leal.

O caso passou-se depois de estarmos em Benfica, após a nossa fusão com o Sport Clube Benfica, para onde passámos com cerca de 50 sócios. O campo custava-nos 45.000 de aluguer, por mês. E não havia dinheiro que chegasse. Que se há de fazer? perguntávamos uns aos outros, num grupo de sócios com mais responsabilidade. O Faria Leal deu a resposta. Agarrou em duas «sopeirinhas», títulos que valiam 22.500, naquela altura. Agarrou neles. Foi vendê-los. E trouxe-nos integralmente os 45.000 da venda! Estava salva a situação!

A evocação da falta de pagamentos faz-me lembrar uma outra situação difícil, certamente a mais penosa que o clube atravessou. Estávamos também em Benfica, alguns anos mais tarde, na atual sede, na Avenida Gomes Pereira. Houve quem deixasse propositadamente de pagar água, luz e não sei que mais. Mas igualmente houve quem nos avisasse do que se passava. E pagou-se tudo.

O clube voltou a salvar-se. Este caso é, porém mais complicado. Talvez merecesse a pena contá-lo com vagar».

Às vezes, são os entrevistados que se calam, a despedir os jornalistas. Um silêncio destes chega a ser significativo... Desta vez, dá-se o contrário. É o jornalista que tem de impor o descanso ao entrevistado. A conversa era atraente. Mas não tínhamos o direito de abusar da hospitalidade com que o Cosme, o «velho» Cosme do Benfica, nos recebera. E a nossa demora fazia retardar o tratamento.

Agradecemos-lhe a forma como nos atendeu. Mas cumpre-nos agradecer também à sua esposa e filha a gentileza com que nos permitiram conversar largamente com Cosme Damião. Para todos, vão os nossos desejos de boas melhoras.

Transcrição da entrevista publicada em *A Bola*, n.º 11 (5 março 1945), p. 5, 7, com atualização para o Acordo Ortográfico de 1990.